

## **APONTAMENTOS SOBRE A EMANCIPAÇÃO HUMANA NAS OBRAS DE JUVENTUDE MARXIANA (1843-1844)**

[APPOINTMENTS ON HUMAN EMANCIPATION IN THE WORKS OF  
MARXIAN YOUTH (1843-1844)]

**Amanda Gomes Pereira**

Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ. Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora/ UFJF. Bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Atualmente, atua como Professora Adjunta de Sociologia no Curso de Ciências Humanas, Campus São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão/UFMA. Prestou consultoria para o escritório da ONU em assentamentos urbanos na América Latina, ONU Habitat, de setembro de 2012 a março de 2013. Atuou como Agente de Suporte Acadêmico do Curso de Formação de Gestores Escolares SEB/ MEC 2009 e da Especialização - Gestão e Avaliação da Educação Pública/ Ceará, ambos oferecidos pelo Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (CAEd/ FADPE/ UFJF), nos quais teve a oportunidade de orientar alunos de Pós-Graduação e participar de bancas avaliadoras dos trabalhos de conclusão de curso. Atuou como tutora a distância do Curso "Educação em Direitos Humanos", UFF/PROEX. Pesquisadora associada do Centro de Estudos Internacionais sobre Governo (CEGOV/ UFRGS). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Gênero em Educação Chitá|Gitã.

(E-mail: [gomespereira\\_amanda@yahoo.com.br](mailto:gomespereira_amanda@yahoo.com.br))

**Angélica Lima Melo**

*Graduada em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/Sociologia. Participou como bolsista do (PIBID) Programa de Iniciação a docência vinculada ao Subprojeto do CLCH. " As ciências humanas e a diversidade étnico-cultural: educação interdisciplinaridade e cidadania", entre Outubro 2013 e Fevereiro 2014. "as novas licenciaturas na Educação Básica das escolas urbanas do interior do maranhão". Pesquisadora de Ontologia do Ser Social em Marx- Sob orientação do Profº Dr. Clodomir Cordeiro. Participou do Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre as cidades (CITADINOS) na Universidade Federal do Maranhão, em São Bernardo, no período de janeiro de 2015 a dezembro 2015. Está participando da elaboração do currículo municipal de Santa Quitéria do Maranhão, na modalidade infantil. Professora da Educação Básica em Santa Quitéria do Maranhão, trabalha com a formação do pensamento de Marx 1843-1844.*

(E-mail: [angelica.lmelo@hotmail.com](mailto:angelica.lmelo@hotmail.com))

Recebido em: 07 de fevereiro de 2019. Aprovado em: 13/03/2019

## Apontamentos sobre a emancipação humana nas obras de juventude marxiana (1843-1844)

MELO, A. L.; PEREIRA, Amanda G.

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo fazer uma breve discussão sobre o conceito emancipação humana, numa trajetória perpassada por influências teóricas e metodológicas que contribuíram para a construção do pensamento de Karl Marx. Nele, foi feita uma revisão literária contida nas obras de 1843 e 1844, *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel, Para a Questão Judaica, Introdução a Crítica da Filosofia do Direito, Glosas Críticas Marginais* e a obra *O Jovem Marx 1843-1844: as origens da ontologia do Ser Social*. O intuito é estabelecer um debate acerca das relações e diálogos teóricos iniciais do pensamento do autor que fazem emergir suas análises sobre a condição humana e o materialismo histórico. Para tal, recorre-se aos estudos já realizados pelos jovens hegelianos, suas influências intelectuais, em especial, Feuerbach. Em 1844, Marx conhece Engels e juntos tornaram-se adeptos ao socialismo, a pesquisa de Marx ganha uma modificação teórica e material, o autor percebe que a democracia não seria capaz de remodelar a história social alemã, acredita que emancipação deve conter um aspecto “real”, nesse momento ele visualiza o papel do proletariado como elemento indispensável no processo de revolução social, o socialismo contribuiria para a concretização da emancipação humana.

**Palavras-chave:** Emancipação. Materialismo Histórico. Proletariado. Democracia. Socialismo. Revolução social.

**Abstract:** This work aims to make a brief discussion about the concept of human emancipation, in a trajectory pervaded by theoretical and methodological influences that contributed to the construction of the Karl Marx thought, accompanying the literary revision contained in the works of 1843 and 1844, *Critique of Philosophy of Hegel's Right for the Jewish Question, Introduction to the Critique of the Philosophy of Law, Marginal Critical Glosas, and The Young Marx 1843-1844: The Origins of the Ontology of Social Being*. In 1843 Marx understands that democracy could modify Germany's social reality by contributing to the process of emancipation, in this endeavor, resorts to the studies already carried out by young Hegelians their intellectual influences, especially Feuerbach. In 1844 Marx met Engels and together became adherents to socialism, Marx's research gains a theoretical and material change, the author realizes that democracy would not be able to reshape German social history, believes that emancipation must contain a "real" "At that moment he envisions the proletarian figure as an indispensable element in the process of social revolution, socialism would contribute to the realization of human emancipation.

**Keywords:** Emancipation. Historical Materialism. Proletariat. Democracy. Socialism. Social revolution.

## Apontamentos sobre a emancipação humana nas obras de juventude marxiana (1843-1844)

MELO, A. L.; PEREIRA, Amanda G.

### INTRODUÇÃO

Karl Marx é um autor discutido em diferentes ciências, pois sua contribuição teórica estende-se por mais de um século e adentra-se em variados campos. Sua trajetória é perpassada por influências e contextos sociais. Nas palavras de alguns autores, Marx é um “autor de seu tempo”. Marx nasceu em Trier na Alemanha, filho de um casal judeu, pressionado pelo governo a tornar-se cristão. Desde cedo, interessou-se pela dinâmica social. Passou a estudar filosofia, com o intuito de compreender a dinâmica social. Para concluir o seu curso defende sua tese: *A filosofia de Demócrito e Epicuro*. Marx refinou seus estudos ao se vincular ao círculo dos jovens-hegelianos, partilhou do princípio hegeliano respaldado na proposta em que a religião seria um entrave para efetivação da democracia ou emancipação política na sociedade alemã, que havia se tornado conservadora, avessa à abertura democrática.

Nossa análise segue o caminho teórico percorrido pelo jovem Marx, seus confrontos, influências teóricas e metodológicas. Desse modo, fizemos um breve recorte espaço-temporal dos anos 1843-1844, capaz de contribuir para nossa apreensão sobre a temática emancipação humana, em um primeiro momento vista por Marx através da ótica democrática. Após esse período, o debate marxiano acerca da emancipação humana ganha um novo conteúdo, vinculado aos aspectos materiais da existência humana, tendo por figura protagonista e emblemática o proletariado.

A discussão aqui exposta esboça de forma breve a trajetória de Karl Marx. Para tal, é utilizado como material para o embasamento teórico o autor Celso Frederico, que faz um apanhado das obras marxianas produzidas no período de 1843-1844, bem como dos avanços e retrocessos do autor. Este artigo é fruto de anseio das autoras em aprofundar-se nos estudos desse pensador tão essencial e fundamental para o pensamento sociológico, contribuindo para reflexões e estudos sobre esse pensador. Não é nossa intenção esmiuçar toda a contribuição teórica de Marx ao longo desses dois anos, entretanto, nos debruçamos sobre suas obras que se dedicam à discussão acerca dos processos de emancipação humana. Para tecer os comentários sobre o tema, recorreremos a materiais chamados juvenis, ou seja, obras escritas antes de 1846. Nesse sentido, acompanhamos a trajetória e os debates do autor em um recorte temático sobre o conceito emancipação contido nos livros: *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (1843), *Sobre a questão judaica* (1844), *Introdução a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel 1844*, *Glosas Críticas marginais a Reforma de um Prussiano* (1844), lançando mão às obras da maturidade teórica de Marx, de 1848 a 1867.

Este trabalho está articulado em quatro seções capazes de auxiliar o leitor a compreender como as influências e contextos sociais influenciaram no encadeamento teórico do trabalho de Marx e Engels. Na primeira seção discutimos acerca da emancipação democrática ou política vislumbrada pelo jovem Marx como ferramenta capaz de sucumbir as desigualdades sociais da Alemanha. Nesse momento, Marx recorreu à leitura de obras de Feuerbach para auxiliar sua visão sobre o Estado hegeliano. A segunda seção está dedicada à ressonância de Feuerbach nos escritos de Marx, em seguida, sua crítica a Hegel. Na terceira seção há um esboço do conceito **emancipação humana**, atravessado por influências dos socialistas franceses. A última seção dedica-se a pinceladas e arranjos finais sobre o trabalho produzido por Marx e Engels.

## Apontamentos sobre a emancipação humana nas obras de juventude marxiana (1843-1844)

MELO, A. L.; PEREIRA, Amanda G.

### TRAJETÓRIA DE MARX E A PROPOSTA DA EMANCIPAÇÃO POLÍTICA

Segundo Siqueira e Pereira (2011), Karl Marx viveu em um ambiente favorável a formulação de ideias revolucionárias. Desde cedo fora embebido pelas leituras de Voltarie e Montesquieu. Ao entrar na universidade, decidiu se juntar ao grupo chamado jovens hegelianos, contestadores do sistema ideológico de Hegel. Os autores procuravam “rechaçar” a dialética hegeliana, e dela se apropriar para, em seguida, tirarem suas últimas consequências.

[...] A esquerda hegeliana recorria ao caráter negativo da dialética para argumentar que o movimento ininterrupto da Ideia nunca cessa e, portanto, em sua marcha ascendente, superaria o presente, negaria o Estado prussiano monárquico, anunciaria os novos tempos (FREDERICO, 2009, p.19).

Marx se identificou com a dinâmica revolucionária contida na proposta dos chamados jovens hegelianos. Entre esses jovens faziam parte “Marx, Engels, Ruge, Furbach, Cieszkowski, Hess, Bauer e outros.” (FREDERICO, 2009). Para Bettomore (2013), os autores utilizavam a filosofia hegeliana como uma ferramenta capaz de modificar a consciência social. Para esses autores, vislumbrados pelo Estado prussiano que havia se tornado conservador, a direita hegeliana acreditava que a história social havia se tornado racional. Ao seguir a linha analítica de seus pares, Marx inicia a redação dos *Manuscritos de Khresnack ou Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* em 1843. Na elaboração de seu livro, Marx inicia a crítica teórica a partir de uma refinada noção de Estado da época, o Estado prussiano, visto por Hegel como uma racionalidade histórica que se desenrola através da mudança ideológica do tempo, ou seja, com as sucessões temporais, uma mudança social é produzida através do movimento ternário. Marx criticava toda estrutura do pensamento de Hegel. Para ele o pensamento do autor havia escamoteado a ideia do homem transcendental pela ideal do homem alemão. Essa análise ocorreu devido aos diálogos estabelecidos por Marx com a obra de Feuerbach.

### BREVES APONTAMENTOS SOBRE INFLUÊNCIA DE FEUERBACH NOS ESCRITOS JUVENIS MARXIANOS

Celso Frederico em seu livro *O Jovem Marx 1843-1844: as origens da ontologia do Ser Social*, apresenta em um tópico a trajetória de Feuerbach, esboçando as principais obras do autor, sendo elas *Manifestes Philosophiques* e *A Essência do Cristianismo*. Celso Frederico destaca que o segundo livro de Feuerbach marca a cisão dele com o pensamento hegeliano. A obra questiona a religiosidade escondida sob o véu da alienação, levando a retirada dos atributos humanos depositados na religião. Hegel segundo Feuerbach transforma o Estado e a religião em duas esferas estranhas ao ser social e opostas a ele. Dessa maneira, Feuerbach fez uma crítica ao caráter cristão contido no Estado hegeliano. O autor via que o entrave

## Apontamentos sobre a emancipação humana nas obras de juventude marxiana (1843-1844)

MELO, A. L.; PEREIRA, Amanda G.

do Estado prussiano no processo de emancipação humana seria sua mistificação religiosa e mostra como a tese de Hegel se valida:

Abstrair é pôr a essência da natureza fora da natureza, a essência do homem fora do homem, a essência do pensamento fora do ato de pensar. Ao fundar todo o seu sistema nesses atos de abstração, a filosofia de Hegel se alienou de si mesmo, sem dúvida, identifica de novo o que separa[...] À filosofia hegeliana falta a unidade imediata, a certeza imediata, a verdade imediata (FEUERBACH, 1989, p.108-109 apud, FREDERICO, 2009,p.40-41).

De acordo com visão de Feuerbach, o homem se mantém dilacerado de si mesmo, de sua “essência e predicados”. Marx segue a linha feuerbachiana, apropria-se dela e depois extrai suas características revolucionárias guardadas no seio intelectual desse autor. Em seguida, Marx insere a filosofia desse autor em seu contexto socio-histórico (1843-1844). Dessa maneira, Marx anuncia a democracia como uma solução teórico-prática para a situação alemã. Atrasada no processo revolucionário erigido pela modificação democrático-burguesa, para Marx ela seria a engrenagem final da história alemã pois,

Em todos os Estados que diferem da democracia o que domina é o *Estado, a lei, a constituição*, sem que ele domine realmente, quer dizer, sem que ele penetre materialmente o conteúdo das restantes esferas não políticas. Na democracia, a constituição, a lei, o próprio Estado é apenas uma autodeterminação e um conteúdo particular do povo, na medida em que esse conteúdo é constituição política (MARX, 2010 p.51).

Nesse momento teórico, o autor questiona a imaterialidade do Estado em Hegel. Para Marx, o Estado deve penetrar na sociedade civil, sendo o reflexo dela. Ao questionar a dualidade teórica entre sociedade civil (estado não político) e Estado (representado na figura do monarca), é destacado o quanto essa cisão acarretaria um aspecto alienante, pois o ser social não compreenderia o papel do Estado como seu reflexo. Por outro lado, o Estado, ao representar os interesses de uma classe em questão, a burguesia, ou os donos da propriedade privada, não representaria a sociedade civil como um todo – o que teoricamente seria um dos seus fundamentos constitucionais. O pensamento do autor estava sobrecarregado de “feurbchianismo”, Marx não havia se desvincilhado de suas influências, e não assumiu uma postura própria, diferente do que ocorrerá em *O Manifesto do Partido Comunista* 1848. A partir dessa obra, Marx irá construir sua análise crítica do sistema capitalista.

É a fase em que as suas experiências intelectuais, sociais e políticas permitem-lhe articular as bases do que, a partir de 1847 – 1848, constituirá a moderna teoria social – desvelamento do modo de produção capitalista e proposta da sua ultrapassagem, com o proletariado urbano como sujeito da revolução socialista (NETTO, 2004, p. 96).

## **Apontamentos sobre a emancipação humana nas obras de juventude marxiana (1843-1844)**

MELO, A. L.; PEREIRA, Amanda G.

Em 1843 Marx não havia revelado os “segredos” do capitalismo. O conceito emancipação política estava ancorado à proposta hegeliana de mudar a situação social alemã através de uma mudança de cunho ideológico. Nesse caso, sua crítica ficou restrita a alguns postulados do pensamento hegeliano: Estado e Religião. Segundo Frederico (2009), Marx reclama em favor da democracia que para ele seria o avanço social que libertaria a sociedade do jugo do sistema anacrônico vivenciado pela Alemanha. Nas palavras de Marx, a emancipação política:

[...] representa concomitantemente a dissolução da sociedade antiga, sobre a qual está baseado o sistema estatal alienado do povo, o poder do soberano. A revolução política é a revolução da sociedade burguesa. Qual era o caráter da sociedade antiga? Uma palavra basta para caracterizá-la: a feudalidade (MARX, 2010, p. 51).

Assim, comparado ao sistema econômico e de produção anterior, o capitalista – ancorado no Estado burguês – representava possibilidades de avanço e transformação social para o estado Prussiano que, ao contrário de muitos estados europeus, se constituía de maneira rudimentar, alicerçado em formas tradicionais de governo e de produção.

### **AS OBRAS PUBLICADAS EM ANAIS FRANCO-ALEMÃES, O CAMINHO PARA EMANCIPAÇÃO HUMANA**

O pensamento do autor sofrerá uma reformulação ao se deparar com realidade francesa. Nessa conjuntura o proletariado já havia anunciado uma atuação revolucionária, permitindo ao autor novas percepções sobre a realidade social. Nesse arranjo, Marx se encontra com seu grande amigo Engels, juntos se vinculam ao socialismo e essa parceria teórica duraria a vida toda. Nesse mesmo ano, Marx participa da Revista Anais Franco Alemães juntamente com Arnold Ruge. As obras de Karl Marx publicadas na revista são: *Sobre a Questão Judaica*, *Crítica da Filosofia do Direito “Introdução”*, as obras de Engels foram *Esboços para Uma Crítica da Economia Política e A Situação em Inglaterra*. A revista não resistiu as desavenças teóricas entre Marx e Ruge, ambos seguiram linhas analíticas diferentes.

Nessa revista, Marx formulará uma análise sobre o conceito emancipação humana que para ele difere da emancipação política, ocorrida em alguns países, como a França, onde nesse período Marx residia. Para o autor, a emancipação humana representaria o fim da dicotomia entre cidadão político e cidadão celestial/transcendental. Marx fará uma crítica a um dos amigos e parceiros da esquerda hegeliana, chamado Bruno Bauer. Essa obra é intitulada *Sobre a Questão Judaica*, uma obra extensa que fala da dualidade, agora enxergada pelo autor, entre o cidadão político e o cidadão celestial. Marx saiu de uma Alemanha que reclamava em favor da emancipação política, para um país em que a emancipação política não havia eliminado a cisão humana. Marx dirá que o judeu estava clamando por uma emancipação política que lhe permitisse fazer culto a Deus, mas na

## Apontamentos sobre a emancipação humana nas obras de juventude marxiana (1843-1844)

MELO, A. L.; PEREIRA, Amanda G.

verdade, o cidadão ficaria cindido, pois ele seria um cidadão celestial e, ao mesmo tempo, um ser terreno com direitos e deveres políticos perante o Estado,

[...] o homem se liberta por meio do Estado, liberta-se de uma barreira, ao se colocar em contradição consigo mesmo, ao se sobrepor a essa barreira de modo abstrato e limitado e parcial. (...) o homem, ao emancipar-se politicamente, o faz por meio de um subterfúgio através de um meio, ainda que de um meio seja necessário. E segue-se, finalmente, que o Homem, ainda quando se proclame por intermédio do Estado, ou seja, proclamando o Estado ateu, continua sujeito aos laços religiosos, precisamente porque só reconhece a si mesmo através de um subterfúgio, através de um meio. A religião é, cabalmente, o reconhecimento do Homem que busca subterfúgio através de um mediador [...] (MARX, 2005, p.21).

Marx, mesmo com seus esforços e estudos, ainda não via o Estado como elo capaz de auxiliar no processo revolucionário, diferente de outras obras como *O Manifesto do Partido Comunista* (1848), em que vislumbra o Estado como elemento capaz de ser usado pelo proletário para cumprir o processo de emancipação humana ou à *suprassunção*, termo contido nos *Manuscritos de Paris*. Sob esse prisma, mesmo de forma incipiente, Marx já consegue perceber os paradoxos da emancipação política nos elos existentes entre estado e religião. Para Marx, a revolução democrática não findaria os problemas da classe operária, para ele desprovida de suporte “intelectual e material”.

A obra *A Questão Judaica* representa as pinceladas iniciais sobre a crítica à esquerda hegeliana, finalizada com a escrita de *A Sagrada Família* (1846) em parceria com Engels. Na obra *A Questão Judaica* Marx polemiza com Bruno Bauer acerca do ateísmo, representando um passo importante rumo à emancipação judaica. Marx destaca que para os judeus conseguirem exercer seus direitos seria necessário que Estado fosse “dessacralizado”, ou seja, deveria despir-se de toda a religiosidade contida nele, aliás de seu caráter cristão, cedendo espaço a outras religiões. Após vivenciar a revolução democrático-burguesa ocorrida nos Estados Unidos e França, Marx percebeu que a emancipação política não findaria as cisões ocorridas no ser humano, atestando que espiritualidade nas sociedades revolucionárias havia deixado de ser pública e passou a ser privada – exercida na proteção dos espaços domésticos invioláveis e assegurados pelos direitos do indivíduo. Marx levantou o questionamento acerca da importância da crítica de Bruno Bauer, dizendo que a mesma é “puramente teológica”, não sendo necessária em países democráticos. Vejamos a polêmica entre os autores:

Ele impõe condições que não estão fundadas na essência da emancipação política mesma. Ele levanta perguntas que não estão contidas na tarefa que se propôs e resolve problemas que deixam o seu questionamento sem resposta. Bauer diz sobre os adversários da emancipação dos judeus que: “Seu único erro foi presumirem que o Estado cristão é o único verdadeiro e não o submeterem à mesma crítica com que contemplaram o judaísmo” (p. 3); diante disso, vemos o erro de Bauer no fato de submeter à crítica tão somente o “Estado cristão”, mas

## Apontamentos sobre a emancipação humana nas obras de juventude marxiana (1843-1844)

MELO, A. L.; PEREIRA, Amanda G.

não o “Estado como tal”, no fato de não investigar a relação entre emancipação política e emancipação humana e, em consequência, de impor condições que só se explicam a partir da confusão acrítica da emancipação política com a emancipação humana em geral (MARX, 2010, p. 36).

Para Karl Marx o Estado laico não acabaria com a dualidade existente na sociedade civil, nesse arranjo, as relações ainda ficariam cindidas visto o exemplo dos estados norte-americanos. De acordo com esse novo arranjo, por mais “perfeito” que fosse o Estado ele não resolveria o problema do ser genérico, sendo essa sua insatisfação quanto à democracia ou emancipação política Marx torna-se adaptado ao conceito emancipação humana, nesse momento, ela resolveria a situação social alemã, pois reconfiguraria a forma as estruturas social. Em seguida, fez menção à necessidade de um modo de produção que cedesse lugar a uma reforma social.

[...] a reivindicação do comunismo é levantada como a solução para pôr fim a todas as contradições. A força redentora do comunismo abole a propriedade privada, liberando o trabalho e todas as capacidades atrofiadas do ser humano. Com supressão da base de todas as alienações- a economia-, as demais formas de alienação são, enfim, ... de vidas e o homem pode reapropriar a sua essência (FREDERICO, p.161, 2009).

A obra *Crítica da Filosofia do Direito* apontou ao jovem autor o norte para o projeto socialista, o modo de produção que ressoava na França e, por meio dos revolucionários, fez com que o autor escrevesse a obra que serviria de (*Introdução*) à *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, de 1843. Frederico (2009) acredita que a obra representa um projeto de “revolução humana” unindo teoria e prática. Nesse momento, Marx enxerga a dialética existente entre o proletariado e a burguesia, a burguesia contendo o suporte intelectual e econômico e o proletariado desprovido dos meios de produção. Marx utiliza o conceito “classe universal” para representar o operariado, o agente propulsor da revolução. O pensador utiliza a nomenclatura revolução, para ele, a palavra adequada representando as conjunturas sociais da época.

A revolução em geral - a derrocada do poder existente e a dissolução das velhas relações - é um ato político. Por isso, o socialismo não pode efetivar-se sem revolução. Ele tem necessidade desse ato político na medida em que tem necessidade da destruição e da dissolução. No entanto, logo que tenha início a sua atividade organizativa, logo que apareça o seu próprio objetivo, a sua alma, então o socialismo se desembaraça do seu revestimento político (MARX, 2010, p. 78).

A Revolução apresentada na obra *Introdução a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, nos dizeres de Frederico (2009) está circunscrita em um aspecto simbiótico, sem a intervenção da figura estatal, sem um elo capaz de superar algumas das dicotomias



## Apontamentos sobre a emancipação humana nas obras de juventude marxiana (1843-1844)

MELO, A. L.; PEREIRA, Amanda G.

humanas postas pelo capital. Para Marx a emancipação humana seria a única ferramenta capaz de modificar as relações idílicas. Nesse contexto dialético, a figura de destaque dessa empreitada é o proletário

[...] que já não pode apelar a um título histórico, mas simplesmente ao título humano; que não se encontra em nenhuma espécie de contraposição particular com as consequências, senão numa contraposição universal com as premissas do Estado alemão; de uma esfera, finalmente, que não pode emancipar-se sem se e[...] mancipar de todas as demais esferas da sociedade e, simultaneamente, de emancipar todas elas; que é, numa palavra, a perda total do homem e que, por conseguinte, só pode atingir seu objetivo mediante a recuperação total do homem. Esta dissolução da sociedade como uma classe especial é o proletariado (MARX, 2008, p.20).

Essa revolução, segundo Marx, deveria ser auxiliada pela filosofia que surgia nesse momento como a proposta ideológica que se aglutina ao proletário, o ser pulsante, “coração” da revolução. A emancipação ganha, então, uma entonação prática, pois atrelada a uma classe estratificada que representaria as chances de pôr fim a todas as debilidades de um sistema político não resolvido. Marx vê a emancipação humana como um processo novo, revestido de mecanismos universalizantes, capazes de emancipar o judeu e todo o restante da sociedade civil

O comunismo na condição de suprassunção (*Aufhebung*) positiva da propriedade privada, enquanto estranhamento de si (*Selbstentfremdung*) humano, e por isso enquanto apropriação efetiva da essência humana pelo e para o homem. Por isso, trata-se do retorno pleno, tornado consciente e interior a toda riqueza do desenvolvimento até aqui realizado, retorno do homem para si enquanto homem social, isto é, humano. (MARX, 2004, p.105).

Marx entende que a emancipação política findou as amarras circundantes da “velha sociedade”, a sociedade feudal, modificando as relações idílicas, colocando em questão princípios como igualdade mensurada através do aparato estatal. O Estado nascido pela revolução burguesa se reveste através da transcendência e da materialidade (Estado e burguesia), justificando sua existência na suposta superação dos antagonismos de classes. A emancipação política igualou os indivíduos perante a lei, rompeu as barreiras do “nascimento, do status social, da cultura”. Entretanto, Marx dirá em *Ideologia Alemã* de 1846, que o Estado só existe para obscurecer o domínio social da classe burguesa sobre o proletariado. O autor demonstrou o caráter mistificador do estado em obras como *A Ideologia Alemã* e *O Manifesto*, porém desde 1844, Marx já anunciava seus contornos intelectuais sobre a problemática do Estado, sua existência e perpetuação na esfera social, percebendo em *Glosas Críticas Marginais a Reforma de um Prussiano* que a revolução política proclamada pela burguesia cedeu espaço para uma sociedade organizada, burocratizada, regida por leis, com o Estado passando a representar os interesses de uma pretensa maioria.

## Apontamentos sobre a emancipação humana nas obras de juventude marxiana (1843-1844)

MELO, A. L.; PEREIRA, Amanda G.

Destruíu as regalias que a sociedade feudal construiu, mas não pôde se estender a todas as classes como em sua emblemática frase: “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. Ao seguir sua análise, Marx se confronta com Arnold Ruge sobre o papel da intelectualidade política, para Ruge imprescindível no processo de emancipação alemã. Sobre essa assertiva comenta Marx:

Já demonstramos ao "prussiano" quanto o intelecto político é incapaz de descobrir a fonte da miséria social. Apenas mais uma palavra sobre essa sua concepção. Quanto mais evoluído e geral é o intelecto político de um povo tanto mais o proletariado - pelo menos no início do movimento - gasta suas forças em insensatas e inúteis revoltas sufocadas em sangue. Uma vez que ele pensa na forma da política, vê o fundamento de todos os males na vontade e todos os meios para remediá-los na violência e na derrocada de uma determinada forma de Estado. Demonstração: as primeiras revoltas do proletariado francês. Os operários de Lyon julgavam perseguir apenas fins políticos, ser apenas soldados do socialismo. Deste modo, o seu intelecto político lhes tornou obscuras as raízes da miséria social, falseou o conhecimento dos seus objetivos reais e, deste modo, o seu intelecto político enganou o seu instinto social (MARX, 2010, p. 73).

Marx e Arnold Ruge seguiram linhas diferentes acerca do processo revolucionário. Ruge pensou que revolução só ocorreria quando o proletariado fosse instruído intelectualmente, ao passo que o Estado cumpriria o processo de emancipação proletária, prestando serviços assistencialistas. Para ele, o anacronismo alemão ocorria devido à falta de uma educação adequada, esse fator fez com que houvesse uma mentalidade atrasada e não emancipatória. Porém Marx dirá que isso não ocorre de fato, pois as políticas sociais não seriam capazes de atender a toda a população, pois como o Estado eliminaria a pobreza, sendo que o mesmo se vale da mesma? O Estado, segundo Marx, dá apenas paliativos ao povo, não findando a miséria instaurada na sociedade capitalista. Nas palavras de Ivo Tonet, essa obra representa um passo importante na formulação do pensamento de Marx, pois é quando perceberá que além das dicotomias impostas pela burguesia, ocorre também um atraso social que só poderá ser resolvido se o Estado de classes findar.

Quando, no curso do desenvolvimento, *desaparecem* todas as distinções de classes e toda a produção concentrar-se nas mãos da associação de toda a nação, o poder público perderá seu caráter político. O poder político propriamente dito é o poder organizado de uma classe para oprimir a outra. Se o proletariado em sua luta contra a burguesia é forçado pelas circunstâncias a organizar-se em classe; se se torna, mediante uma revolução, classe dominante, destruindo violentamente as antigas relações de produção, destrói com essas relações as condições dos antagonismos de classes em geral e, com isso, extingue sua própria dominação como classe (MARX e ENGELS, 1998, p.58-59).

## **Apontamentos sobre a emancipação humana nas obras de juventude marxiana (1843-1844)**

MELO, A. L.; PEREIRA, Amanda G.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esboçamos de forma breve a formação do pensamento do jovem Marx, seguimos a linha do seu pensamento 1843-1844, especificamente a respeito da temática emancipação humana. Discutimos acerca das influências que foram importantes para a construção e maturação intelectual do autor, sendo elas: a esquerda hegeliana, Hegel e Feuerbach, bem como seus embates teóricos com Hegel, Bauer e Ruge. Em 1843, Marx carrega o legado da esquerda hegeliana presentes na percepção abstrata do conceito alienação, utilizado por Feuerbach com essa chave interpretativa. Marx discute sobre o Estado em Hegel e com essa crítica percebe a dicotomia entre a sociedade civil e Estado, e a demonstra como a contradição não se findaria com o advento da democracia ou com a emancipação política.

O autor constrói seu argumento sobre o caráter dual da emancipação política, cindida, para ele, pois ela não superou a conjuntura social vigente, ao passo em que ela não contemplou toda a sociedade civil pois,

A emancipação política é a redução do homem, por um lado, a membro da sociedade burguesa, a indivíduo egoísta independente, e, por outro, a cidadão, a pessoa moral. Mas a emancipação humana só estará plenamente realizada quando o homem individual real tiver recuperado para si o cidadão abstrato e se tornado ente genérico na qualidade de homem individual na sua vida empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais, quando o homem tiver reconhecido e organizado suas “forces propres” (forças próprias) como forças sociais e, em consequência, não mais separar de si mesmo a força social na forma da força política (MARX, 2010, p. 54).

Marx acredita no processo revolucionário expresso na emancipação política. Entretanto, mostrava o cidadão genérico atomizado, perdendo sua essência social, rompida historicamente no curso social e econômico. Após perceber esse arranjo, ele acredita que a revolução deve ser “real ou prática” (MARX, 2010, p. 41). Marx faz uma análise diametralmente oposta entre as duas formas de emancipação, a primeira rompeu os privilégios feudais e cedeu espaço a novos privilégios, os da classe burguesa, por esse motivo a emancipação burguesa continha um caráter dual dicotômico. Seguindo o seu rastro de análise, em 1844, Marx encontra-se com seu parceiro intelectual e amigo Engels. Juntos compreenderam o papel da emancipação como forma de modificar todas as velhas relações sociais de sua época. Nesse período, o autor percebe a necessidade de uma emancipação que mergulhe de fato na sociedade civil, contemplando todo o ser social. Na mesma empreitada sobre a emancipação, Marx e Engels acreditaram que a ferramenta indispensável para esse processo seria a revolução socialista que daria fim a todas as dicotomias e desigualdades sociais. Dessa forma, o pensamento do jovem Marx sempre estará atravessado por um contexto socio-histórico que nos permite compreender a quem ele estava se dirigindo e o porquê de algumas críticas a ideologias ou formas de governo. Sendo assim, seu pensamento, ao mesmo tempo em que traz aspectos de análise

**Apontamentos sobre a emancipação humana nas obras de juventude marxiana  
(1843-1844)**

MELO, A. L.; PEREIRA, Amanda G.

atemporais, não pode ser compreendido e/ou estudado desvinculado do contexto social e histórico no qual emerge suas análises.

## REFERÊNCIAS

BETTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro; Zahar, 2013. Disponível em <http://www.4shared.com/office/CDqABj5G/dicionrio-do-pensamento-marxis.html>. Acesso em 19 de setembro de 2015.

FREDERICO, Celso. **O jovem Marx (1843-1844):** As origens da ontologia do ser social 2.ed.. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, K.; ENGELS, F. **A sagrada família**. Tradução de Marcelo Bakes. São Paulo: Boitempo, 2003.

MARX, Karl. **O Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.

MARX, K. Glosas críticas marginais ao artigo "O rei da Prússia e a reforma social". De um Prussiano, **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Londrina, v. 3, n. 1, p. 142-155, fev. 2011. Disponível em <http://www.marxists.org/portugues/marx/1844/08/07.htm>. Acesso em fevereiro de 2016.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Introdução de Jacob Gorender e Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010.

KARL, Marx. **Para a crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução Artur Morão. Covilhã, Lusofia, 2008. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=KARL%2C+Marx.+Para+a+crítica+da+filosofia+do+direito+de+Hegel.+Tradução+Artur+Morão.+Covilhã%2C+Lusofia%2C+2008>. Acesso em outubro de 2015 às 14h00min.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007

MARX, Karl. **A Questão Judaica**. São Paulo: Centauro, 2005.

**Apontamentos sobre a emancipação humana nas obras de juventude marxiana  
(1843-1844)**

MELO, A. L.; PEREIRA, Amanda G.

NETTO, José Paulo. **Marxismo impenitente: contribuição à história das idéias marxistas**. São Paulo: Cortez, 2004.

SIQUEIRA, Sandra M. M.; PEREIRA, Francisco. **Aspectos da vida e da obra de Marx e Engels**. Salvador-BA: Lemarx, 2011. Disponível em:

<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=refer%C3%Aancia+Aspectos+da+vida+e+obra+de+Marx+e+Engels+Sandra+M.+M.+Siqueira+e+Francisco+Pereira+Lemarx,+2011>. Acesso em dezembro de 2015.

TONET, Ivo. **A propósito de “Glosas Críticas”**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

TONET, Ivo. A propósito de “glosas críticas”. In: MARX, Karl. **Glosas críticas marginais ao artigo “O rei da Prússia e a reforma de social” de um prussiano**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.